

PRODUÇÃO DE TRABALHO TECNICO CIENTÍFICO: questões argumentativas para citações.

PRODUCCIÓN DE TRABAJOS TÉCNICOS CIENTÍFICOS: preguntas argumentativas para citas

Lorena Tavares de Paula ¹- <https://orcid.org/0000-0002-1286-5648>

Stener Carvalho Fernandes Barbosa ²- <https://orcid.org/0000-0003-3423-9311>

Resumo

A presente comunicação científica deriva-se de uma experiência de sala de aula, na qual a abordagem de “Elaboração de Trabalhos Técnico-Científicos” estabeleceu interlocuções com as teorias e metodologias da Argumentação no campo da linguística. Neste sentido, apresenta-se o processo de experimentação interdisciplinar de ensino de redação científica para alunos da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. A ênfase didática estabelecia versa sobre o processo de citação de autores no corpo do texto, orientando o aluno a compreender como, onde, quando e com qual intencionalidade deve-se tomar essa decisão na composição textual.

Palavras-chave: ESCRITA ACADEMICA; ARGUMENTAÇÃO; CITAÇÕES

Resumen

La presente comunicación científica deriva de una experiencia de aula, en la que el enfoque de “Elaboración de Trabajos Técnico-Científicos” estableció interlocuciones con las teorías y metodologías de la Argumentación en el campo de la lingüística. En ese sentido, se presenta el proceso de experimentación interdisciplinar de la enseñanza de la escritura científica para estudiantes de la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Federal de Minas Gerais. El énfasis didáctico se estableció en el proceso de citación de autores en el cuerpo del texto, orientando al estudiante a comprender cómo, dónde, cuándo y con qué intención se debe tomar esta decisión en la composición textual.

Palabras clave: ESCRITURA ACADÉMICA; ARGUMENTACIÓN; COTIZACIONES

Abstract

The present scientific communication derives from a classroom experience, in which the approach of “Preparation of Technical-Scientific Works” established interlocutions with the theories and methodologies of Argumentation in the field of linguistics. In this sense, the process of interdisciplinary experimentation of teaching scientific writing for students of the School of Information Science of the Federal University of Minas Gerais is presented. The didactic emphasis was established on the process of citing authors in the body of the text, guiding the student to understand how, where, when and with what intention this decision should be made in the textual composition.

Keywords: ACADEMIC WRITING; ARGUMENTATION; CITATION

¹ Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil – lorena.ltp@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil – stenercarvalho@hotmail.com

1. Introdução

A presente comunicação científica deriva-se de uma experiência de sala de aula, na qual a abordagem de “Elaboração de Trabalhos Técnico-Científicos” estabeleceu interlocuções com as teorias e metodologias da Argumentação no campo da linguística.

Neste sentido, aborda-se de uma perspectiva interdisciplinar a percepção de Pimenta (1997), sobre os saberes docentes. O autor explica que tais saberes podem ser percebidos sob três óticas, a da experiência, do conhecimento e dos saberes pedagógicos.

No que diz respeito aos saberes da experiência, são aqueles que o professor em formação traz consigo, relativo à sua experiência e vivências como aluno e em atividades docentes. Os saberes da experiência envolvem aqueles produzidos no cotidiano docente e, nos processos de reflexão da sua própria prática e de colegas de trabalho. Por fim, os saberes do conhecimento o “*know-hall*” para o processo de ensino, que extrapola um conteúdo a ser transmitido atribuindo-lhe níveis de contextualização e classificação.

Assim, apresenta-se o processo de experimentação interdisciplinar de ensino de redação científica para alunos da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. A ênfase didática estabelecia versa sobre o processo de citação de autores no corpo do texto, orientando o aluno a compreender como, onde, quando e com qual intencionalidade deve-se tomar essa decisão na composição textual. Para tanto, têm-se na lógica e na teoria da argumentação o arcabouço teórico para a sustentação desta proposta didática.

2. Desenvolvimento da proposta

A priori foram estabelecidas premissas para a elaboração de uma aula expositiva para os alunos de graduação, ou seja, se pudéssemos simplificar os textos que se dedicam a promover a prática da escrita acadêmica, teríamos basicamente dois tipos: (a) os que se dedicam a *classificar* os gêneros acadêmicos e (b) os que se dedicam a *ensinar* a escrever textos científicos. Embora entre um e outro, a um lance de olhar, exista uma diferença quase imperceptível, ambos são diferentes.

O primeiro (a) tipo traz em sua estrutura exemplificativa os diferentes gêneros textuais, e o faz, geralmente, através da apresentação de um rol dos gêneros possíveis. Este rol, isto é, esta lista propõe dar conta da diversidade dos textos acadêmicos que circulam dentro dos ambientes institucionais das universidades, centros universitários e faculdades do Brasil. Alguns gêneros dessa lista, e que aparecem com relativa frequência, são os resumos, resenhas, fichamentos, memoriais, projetos de pesquisa, relatórios, artigos científicos, monografias, dissertações, teses, etc.

O segundo (b), se dedica a difícil tarefa de ensinar a escrever um texto. E não é qualquer texto, mas aquele que demonstrará resultados no mundo da ciência através da linguagem escolhida para tal tarefa. Neste sentido, (b) contém a complexa missão de apresentar a ciência através de uma autorizada e normativa linguagem e, ao mesmo tempo, ensinar como se faz um texto através dessas mesmas normas institucionais. São os conhecidos manuais de “normalizações”. Então, refletindo sobre as premissas estabelecidas, pode-se afirmar que, a tarefa de (a) – embora muito importante – é mais simples que a de (b).

Voltando a “diferença quase imperceptível” entre os dois tipos de manuais, o que se vê na relação entre ambos é que para se dizer sobre *gêneros acadêmicos* é preciso dizer algo, em alguma medida, sobre *como se escrever um texto acadêmico*. A recíproca também é verdadeira, para se dizer sobre *como se escrever um texto acadêmico* é preciso discorrer – pelo menos de forma panorâmica – sobre quais os *gêneros acadêmicos* existem. Este ponto em comum, contudo, não é tratado como norteador de diferentes textos que se dedicam a construção de manuais universitários. Eis a nossa hipótese: este ponto em comum é a *argumentação*³ como modo de organização do discurso científico (Charaudeau, 2009).

Nesta cena se pretende apresentar, de forma panorâmica, esta hipótese através de dois exemplos em diferentes textos. Com efeito, a intenção é discutir um ponto um pouco deixado de lado pelos manuais dedicados ao tema, apresentando uma abordagem argumentativa da escrita acadêmica. Assim sendo, em outras palavras, o objetivo é “demonstrar” a argumentatividade da escrita de

³ É a *argumentação* e a *argumentatividade*. Veremos a diferença mais adiante.

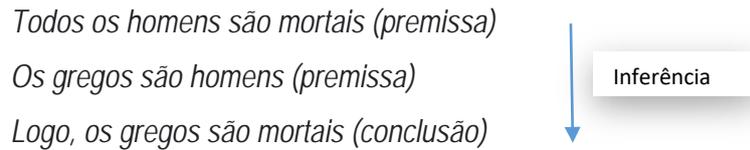
um texto científico (o “como” isso acontece). Para isso, faremos um percurso rápido pelas diferentes abordagens sobre a *argumentação* (e sobre a *argumentatividade*, pois são diferentes) com intuito apenas de esclarecer o desenvolvimento do raciocínio de aplicação argumentativa em diferentes textos acadêmicos. Não é objetivo deste artigo detalhar as diferentes teorias da argumentação ou esmiuçar as suas potencialidades, convenhamos, tarefa ingrata e inexequível em um texto que não possua algumas centenas de páginas. Sem dar causa ao impossível, logo, não é objetivo também construir um compêndio de análises detalhadas de diferentes textos científicos. Traremos alguns exemplos, mas para ilustrar a *dimensão argumentativa* (Amossy, 2018a e 2018b; Rabatel, 2018) no momento da escrita de um texto acadêmico. Para isso, começaremos pelo argumento. Afinal, o que é o *argumento*?

Dizer o que é um *argumento* não é tarefa fácil. Tudo dependerá, basicamente, de onde se está falando. Nesse sentido, de forma tão breve quanto possível, falaremos sobre algumas diferentes concepções de argumentos disseminadas no mundo das ciências da linguagem e das teorias do discurso. O intuito é promover o esclarecimento da prática pedagógica através de um breve panorama da argumentação.

2.1. O argumento na *lógica*

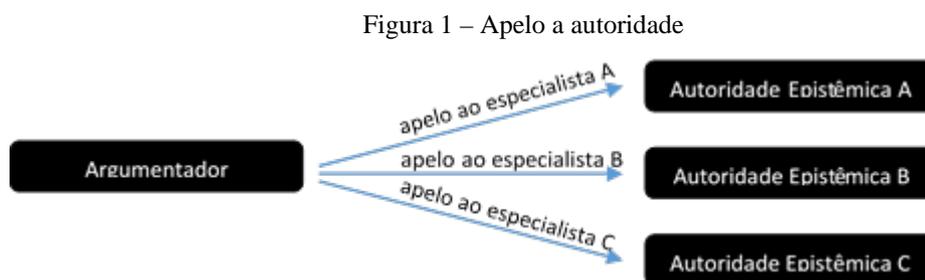
Se o lugar de onde se fala sobre o argumento se encontrar na *lógica*, então, imediatamente, teríamos que nos perguntar em qual delas: a *formal* ou a *informal*?

Na *lógica formal* o argumento é um raciocínio. Em outras palavras, é uma “estrutura linguística determinada” que, no interior da linguagem, se extrai uma consequência (Pinto, 2001, p.17). Sendo mais específico, o argumento é uma sequência de *premissas* que leva a uma *conclusão* por inferência. Premissas e conclusões (ou proposições) são dois tipos de orações declarativas não sujeitas a interferências externas e contextuais. Tudo isso, é claro, em linhas bem genéricas. Vamos ao exemplo mais famoso da história da *lógica*:



Contudo, na *lógica informal* o argumento não é só uma estrutura linguística com premissas que levam a uma conclusão, mas uma relação entre o argumento (o raciocínio), o argumentador (o proponente) e o antagonista (o oponente). Isso significa que a dinâmica das relações discursivas e práticas são importantes para a compreensão do próprio raciocínio, ou seja, o contexto do debate argumentativo. Dizemos que se trata de uma *pragmática lógica* (Walton, 2012). Nesse olhar de uma *lógica prática* há de se considerar os limites que podem violar o bom debate, também chamadas de *falácias*. Nem sempre os argumentos são falácias, isto é, vícios e fraudes que visam a destruição do diálogo entre os participantes. Mas se o objetivo é encerrar o diálogo com artimanhas improdutivas, aí sim, as falácias são vícios reprováveis de argumentos⁴. Sem nos atermos aos detalhes, basta apenas entender que a *lógica informal* considera o contexto do argumento, e também as características pessoais dos participantes da argumentação em interação.

Em alguma medida é o objetivo deste texto discorrer sobre argumentos lógicos informais. Contudo, apenas na medida da sua contribuição ao que defendemos neste texto, tal como é o caso, à título de exemplo, do argumento de *apelo à autoridade*, como ilustra a figura abaixo:



Fonte: elaborado pelos autores

⁴ Existem diferentes estratégias reprováveis para a lógica informal no que diz respeito ao mau exercício da argumentação. Encerrar o diálogo racional de forma abrupta, utilizando o ataque pessoal ao oponente, por exemplo, é apenas uma das regras negativas que podem fraudar o bom uso do argumento em uma discussão persuasiva. Na política o chamado “bolsonarismo” se alimenta dessa prática de destruição do debate pela agressividade nociva, proferida por ataques pessoais, transformando um possível argumento nas chamadas falácias *ad hominem*.

Nos textos científicos, quem argumenta pode apelar ao discurso de um especialista (uma autoridade epistêmica⁵), principalmente para dar sustentação e credibilidade ao seu argumento. Este recurso tende a ser mais forte à medida que o especialista em questão goza de grande respeitabilidade acadêmica. Não é recomendável, contudo, citação de um “grande nome” apenas pela sua respeitabilidade. É necessário que o argumento da citação guarde relação com o assunto que se está desenvolvendo. De forma mais técnica, dizemos que é necessário que o argumento, ou o apelo, seja pertinente ao assunto tratado⁶.

2.2. O argumento na *argumentatividade dialógica do discurso*

A *argumentação* é diferente da *argumentatividade* (Rabatel, 2018). A concepção de argumento aqui também será diferente.

A *argumentação* se relaciona com a troca de turnos entre dois participantes de uma discussão, ou ainda, entre dois discursos em que um diz e o outro contradiz. A *argumentatividade* se relaciona com o que diz apenas um participante, ou ainda, o que diz apenas um discurso, um texto. Enquanto na *argumentação* é necessário, no mínimo, dois argumentadores (participantes que se revezam), na *argumentatividade* basta apenas um argumentador (o escritor de texto acadêmico).

Não é preciso ir muito longe para entendermos que em um texto científico existe a possibilidade de enfatizarmos apenas o papel do argumentador, ou seja, aquele que de fato escreve o texto. O que parece difícil de visualizar é que um discurso – como um conjunto de enunciados – guarda uma *dimensão argumentativa* sem a situação clássica de troca de turnos (dialética). Mas, vamos tentar raciocinar também desta forma, ou seja, de uma forma sem revezamento de participantes.

Quando temos uma situação típica de interação entre dois participantes, dizemos que há um diálogo regular (Emediato, 2011). Quando se tenta

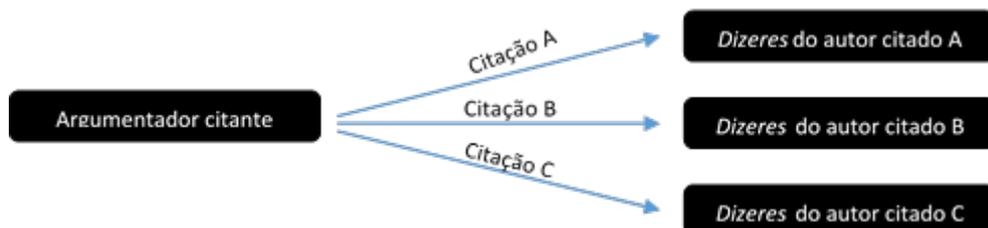
⁵ Alguns chamam de autoridade epistêmica (BOURDIE, 1983) outros de “autoridade cognitiva” (WALTON, 2012, p. 244). Fato é que se trata de especialistas ou peritos em suas respectivas áreas de conhecimento.

⁶ Na lógica informal o argumentador tem a obrigação de provar a sua tese. Se ele desvia do assunto, ou seja, se ele levanta provas diversas do assunto em questão, ele viola a regra da pertinência caindo em um “diversionismo” e o argumento passa a ser uma “falácia de ignorância da questão” (WALTON, 2012, p. 26-27). Quem escreve um texto científico não pode cair nesse equívoco.

influenciar um ao outro, dizemos que temos uma argumentação, um exercício de persuasão. Por outro lado, quando temos uma situação de somente um participante, dizemos que há um monólogo ou uma *situação monogerida*. No diálogo regular persuasivo estamos em uma *situação dialogal*. Na *prática monogerida* (como na escrita de um texto científico) estamos em uma *situação dialógica*.

É **preciso ter cuidado com estes conceitos**: a *situação dialógica* é a que define diferentes pontos de vista (PDV) dentro do discurso, às vezes, de apenas um argumentador. Isso não quer dizer que está em jogo apenas um único ponto de vista (PDV) do argumentador, mas vários de outros autores, que o mesmo argumentador, ao escrever um texto acadêmico, pode chamar para si, no intuito de corroborar o argumento que defende. Esse é o caso expresso das *citações diretas e indiretas* a dizeres de outros autores. O esquema abaixo ilustra essa dinâmica de vários PDV:

Figura 2 – Situação de Vários pontos de vistas (PDV) nos *dizeres* dos autores



Fonte: elaborado pelos autores

Essa diferença tem impacto direto na concepção de argumento para fins desse artigo. Ou seja, será considerado argumento também a dimensão de argumentatividade em que, às vezes, um mesmo enunciado detém pontos de vista (PDV) do *argumentador citante* e pontos de vista (PDV) dos *autores citados*. A estratégia argumentativa, aqui, consiste em gerir a defesa de uma posição do *argumentador citante* e, para isso, chamar outros autores a defender sua posição.

Um dos objetivos principais deste artigo é discorrer sobre a argumentatividade dialógica do discurso. Esse objetivo, contudo, só interessa à medida que observarmos, nos exemplos, a realização da escrita no texto científico que expõe diversas opiniões (PDV) de diversos autores. Interessará muito observar como se relaciona discursivamente as diferentes vozes de *autores citados* frente a prática do *argumentador citante*.

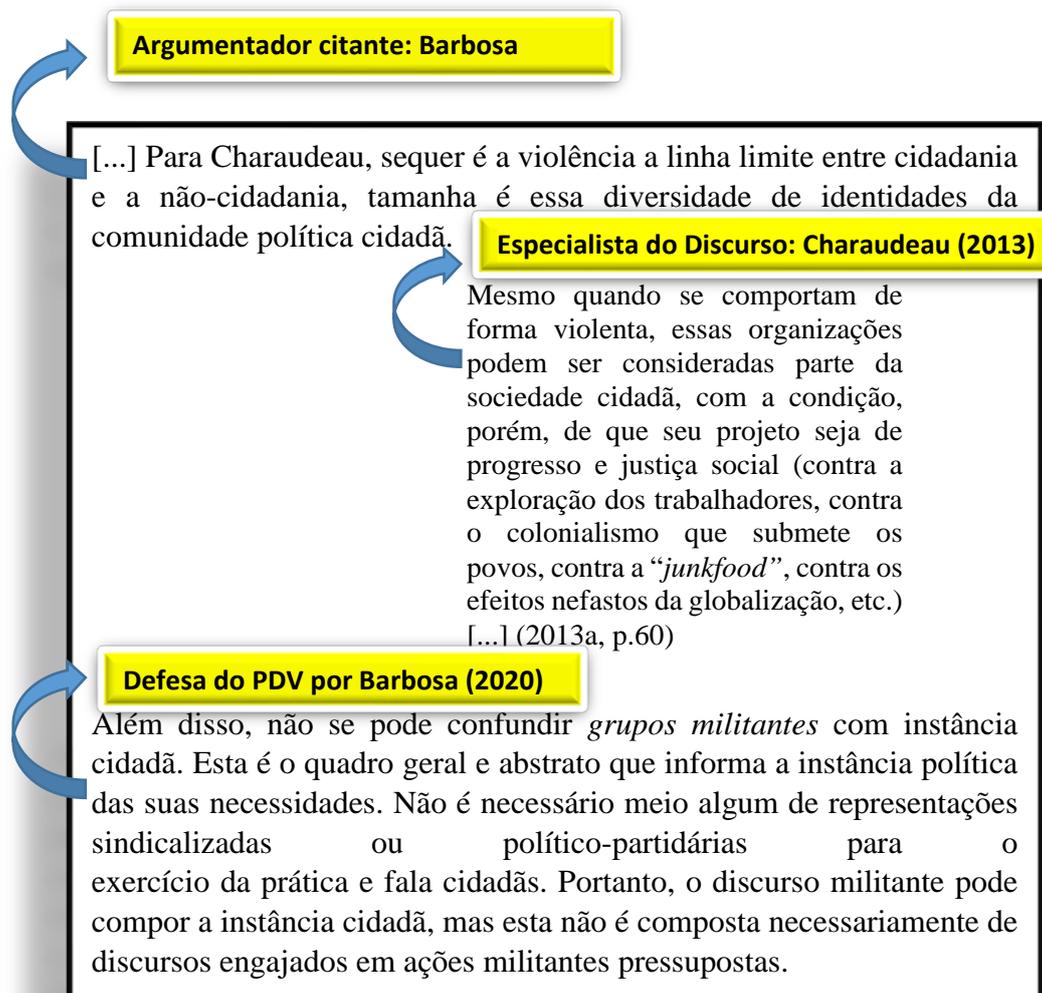
Muito importante dizer que, a esta altura, já conseguimos ver uma estreita relação entre o *argumento de apelo à autoridade* com o *argumento da citação aos autores*. De uma forma geral são argumentos recursais, isto é, são argumentos que apelam a “instâncias superiores” para defender o ponto de vista (PDV) posto em jogo no discurso. São as *autoridades* nos assuntos, peritos ou especialistas.

2.3. Citação e as autoridades epistêmicas.

Um dos grandes exemplos de recurso ao discurso de especialistas está, na prática escrita dos gêneros acadêmicos, nas citações diretas. Quando curtas, tais citações são realizadas dentro das incisivas polifônicas⁷, também chamadas de “aspas”. Quando longas, tais citações são realizadas através de recuos dentro da formatação do texto enquadrado no gênero acadêmico específico. Respeitando as regras da normalização dos textos acadêmicos, aqui e ali, sendo longas ou curtas, os argumentos são materializações da gestão de vários pontos de vista (PDV) de especialistas e peritos nas suas respectivas áreas. No exemplo abaixo Barbosa (2020) recorre a *expertise* do discursivista Patrick Charaudeau (2013) para definir o discurso político e a importância do cidadão nesse discurso a que ele, Charaudeau, chama de “instância cidadã”. Vejamos:

⁷ A “polifonia” é um fenômeno em que o Locutor Principal do discurso (ou citante) coloca outra voz de um locutor segundo (ou citado) dentro do seu discurso. É o discurso dentro de outro discurso, vozes dentro de vozes, ou simplesmente “polifonia” (DUCROT, 2020, p.181). Estamos chamando o Locutor Principal de “argumentador citante” e os locutores segundos de “autores citados”.

Quadro 1: Exemplo 1 de argumento em citação longa



Fonte: elaborado pelos autores

Neste caso em especial, no Exemplo 1, Barbosa (2020) transforma o fragmento do discurso de Charaudeau – constante no livro *Discurso Político* da edição de 2013 – em um argumento para defender o seu PDV sobre a importância do cidadão na política democrática, para além da militância. Considerado um nome de muito respeito e de reconhecida carreira no campo da Análise do Discurso, Charaudeau (2013) é chamado a participar como um perito sobre o assunto, pois Barbosa (2020) recorre a tal estratégia para sustentar seu PDV sobre democracia, política e cidadania. Para a realização desse tipo de argumento no texto monogerido (situação dialógica), Barbosa (2020) apelará à autoridade epistêmica de Charaudeau através da citação direta longa. Mas é de se destacar que nem sempre a citação será um transparente e imediata revelação do

argumento do escritor nos textos acadêmicos. Nem sempre a citação é direta. Nem sempre a voz é proferida de forma audível e clara. Às vezes a percepção de argumentatividade é um tanto opaca. Contudo, na prática da escrita acadêmica essa estratégia, mesmo “velada”, de apelo à autoridade epistêmica, ainda é muito recorrente. Vejamos o caso exposto no Exemplo 2 em que Paula (2018) realiza o argumento em apelo à autoridade, mas de forma mais difusa:

Quadro 2: Exemplo 2 de argumento em citação indireta

A “Post-Truth”, traduzida para o português como pós-verdade, foi eleita a palavra do ano 2016 pelo “Dicionário de Oxford”. Pode-se considerar que sua influência nos acontecimentos da contemporaneidade digital continua relevante no ano de 2018, tanto quanto o impacto em 2016. Higgins (2016) explica, em artigo publicado na Nature, que a pós-verdade refere-se a mentiras sendo rotina em toda a sociedade, e isso significa que mentir não é um crime, portanto, não é plausível a condenação de quem conta ou compartilha.

Fonte: elaborado pelos autores

No início Paula (2018) apenas descreve o impacto que o neologismo “pós-verdade” provocou no mundo, tanto como verbete de um tradicional dicionário, como nos recentes ambientes digitais. Posteriormente, Paula (2018) cita Higgins, e o local onde publicou seu artigo: a reconhecida revista científica “Nature”. Mas essa citação não é uma abertura de espaço destinada a voz expressa de Higgins como em uma “aspa” (citação direta curta) ou em um recuo (citação direta longa). A voz de Higgins não é de fato “audível”, pois ele não está falando pelas suas próprias palavras. É Paula (2018) que fala por ele. Quando ela utiliza o verbo “explica” no presente do indicativo, ela faz a explicação por ele e não reproduz fielmente as palavras de Higgins. Ou seja, é um apelo à autoridade com mistura de percepções e mistura de vozes, um argumento mais difuso e menos explícito, linguisticamente falando (Rabatel, 2016). Mas isso não significa que Paula (2018) esteja se apropriando indevidamente do argumento de outra pessoa. Ao contrário, Paula (2018) ao dizer o que o outro quis dizer por palavras dela acaba por assumir o conteúdo daquele ponto de vista (PDV) a ponto de se responsabilizar por ele (Ducrot,

2020). E mesmo que as vozes estejam difusas, isso não muda o fato de que Paula (2018) recorre a autoridade epistêmica de Higgins. Além do mais, não só se trata de um argumento que apela à credibilidade do autor citado, mas também à credibilidade do local onde ele escreveu o seu artigo. E esse apelo – recorrendo a uma publicação científica respeitável – tem o propósito de construir um argumento que esclareça como a pós-verdade é mais comum do que parece ser. Trata-se da exposição de um ponto de vista (PDV) que entende que a pós-verdade, por se tratar de uma mentira, sempre existiu, de acordo com Higgins, é claro, mas assumida por Paula (2018). Mas já podemos observar que adiante sua argumentação se orientará para a problematização da sociedade inserida no mundo digital e informacional nesse contexto de injúria, junto as manifestações mentirosas e que são comprometidas com a desinformação. Após uma extensa discussão junto a outros nomes, e uma elaborada revisão bibliográfica, Paula (2018) conclui contra a *fake news* e a pós-verdade:

Quadro 3: Exemplo 3 de argumento em citação indireta

Diante disso, pode-se afirmar que o principal objetivo da pós-verdade é desorientar o leitor no seu processo de formulação de conhecimento e de formação de opinião.

Fonte: elaborado pelos autores

Por fim, pode-se observar no quadro 2 a conclusão de Paula (2018). Ela só alcança esse desfecho após vários apelos a autoridades epistêmicas que estão inseridas de forma científica no debate sobre a desinformação, a mentira e as redes de compartilhamento.

3. Conclusão

O processo de ensino/aprendizagem exige comprometimento com a formulação de sentido. Se fazer entender exige do professor planejamentos didáticos que normalmente extrapolam seu campo de conhecimento. Neste sentido, o diálogo interdisciplinar faz-se essencial para alcançar formulações socioeducativas conectadas as demandas dos discentes.

A experiência relatada pelos autores dessa comunicação científica reforça que, o saber dos professores construído ao longo de uma carreira profissional, precisa de constantes renovações que podem ser potencializadas através do diálogo interdisciplinar. Além disso, esse saber docente é adquirido e construído em um processo contínuo de aprendizagem, no qual o professor aprende progressivamente de maneira ativa e interativa.

Nesse sentido, viu-se que estudos da argumentação são importantes para a compreensão da produção da escrita acadêmica. Em especial, as citações que em outros textos dedicados ao tema são tratadas somente como exigência de normalização para o gênero científico. Várias vozes, opiniões e pontos de vista (PDV) são mobilizados por quem escreve o texto acadêmico, em diferentes gêneros científicos, para embasar a tese daquele que argumenta. Essas conclusões são exemplos retirados da experiência em sala de aula.

Por fim, deve-se destacar também, que nesta aplicação didática, a constante interlocução da teoria com exemplos práticos é potencializada quando se destaca assuntos contemporâneos com os quais os alunos possuem afinidade. Sendo assim, a interdisciplinaridade, somada ao diálogo teórico, situados com o arcabouço de sentido dos alunos, pode ser considerada uma premissa fundamental para a construção plano e estratégias de ensino.

Referências

Amossy, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018a.

Amossy, R. *Introduction: la dimension argumentative du discours - enjeux théoriques et pratiques*. *Argumentations et analyse du discours: la revue électronique du groupe ADARR*, Tel-Aviv, p.1-17, abr. 2018b. DOI : 10.4000/aad.2560 . Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/2560>. Acesso em 30 dez.2021.

Amossy, R. *É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios*. *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=44>. Acesso em 30 dez.2021.

Barbosa, S. F. *Análise de Projetos de lei no Brasil: o gênero textual projeto de lei (PL) e a “onda conservadora”*. 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

Bourdieu, P. *O campo científico*. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 4.

Charaudeau, P. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

Charaudeau, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2013a.

Ducrot, O. *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*. In: *O dizer e o dito*. 1 ed. Campinas. Pontes Editores. 2020.

Emediato, W. Diálogos regulares e interações discordantes. *Revista Gláuks*, v.11, n.1, p.145-174, jan/jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/issue/view/3/V.11%20N.01>. Acesso em 30 jan. 2022.

Paula, L. T.; Silva, T. R. S.; Blanco, Y. A. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre *fake news*. *Revista Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 93-110, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764>. Acesso em: 13 dez. 2020

Pimenta, S. G. Formação de professores-saberes da docência e identidade do professor. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 3, n. 3, 1997.

Pinto, P. M. *Introdução à lógica simbólica*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001.

Rabatel, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Vol. 1 – *Pontos de vista e lógica da narração: teoria e análise*. São Paulo: Cortez, 2016.

RABATEL, Alain. **Pour une reconception de l’argumentation à la lumière de**

la dimension argumentative des discours. Argumentations et analyse du discours: la revue électronique du groupe ADARR, Tel-Aviv, p.1-19, abr. 2018. DOI : 10.4000/aad.2493 . Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/2493>. Acesso em 05 jan.2022.

WALTON, Douglas. **Lógica informal: manual de argumentação crítica.** 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2012.